

“Meu sonho sempre foi usar uma melissa”: desafios da criança viada na educação física escolar



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 22, v. 1
jul.-ago.2025
p. 193-210

(“My dream has always been to wear a melissa”: challenges of the queer child in school physical education)

(“Mi sueño siempre ha sido llevar una melissa”: los retos del niño queer en la educación física escolar)

Nathan Jesus da Silva¹
Renan Deniz Arruda Aldama²
Rogério Zaim-de-Melo³
Marcelo Victor da Rosa⁴

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória que tem como objetivo: analisar como a criança viada é tratada na escola e nas aulas de Educação Física. Foram realizadas entrevistas com oito homens universitários. Os dados foram analisados a partir da perspectiva teórico-metodológica pós-estruturalista e esses foram submetidos à análise de conteúdo, da qual emergiu quatro categorias de análise: 1) perceber-se como criança viada; 2) assédio moral e violência física; 3) a escola; 4) a aula de Educação Física. Os resultados indicam não haver melhora no tratamento da criança viada na escola: ela é alvo de ações depreciativas na escola e, principalmente, nas aulas de Educação Física.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Criança viada; Educação Física; Abuso.

Abstract: The aim of this exploratory qualitative study was to analyze how queer children are treated at school and in Physical Education classes. Interviews were conducted with eight university men. The data was analyzed from a post-structuralist theoretical-methodological perspective and subjected to content analysis, from which four categories of analysis emerged: 1) perceiving oneself as a queer child; 2) moral harassment and physical violence; 3) the school; 4) Physical Education classes. The results indicate that there is no improvement in the treatment of queer children at school: they are the target of derogatory actions at school and especially in Physical Education classes.

Keywords: School; Queer child; Physical Education; Abuse.

Resumen: El objetivo de este estudio cualitativo exploratorio era analizar cómo se trata a los niños queer en la escuela y en las clases de Educación Física. Se realizaron entrevistas a ocho universitarios. Los datos fueron analizados a partir de una perspectiva teórico-metodológica post-estructuralista y sometidos a un análisis de contenido, del cual surgieron cuatro categorías de análisis: 1) percibirse como niño queer; 2) acoso moral y violencia física; 3) la escuela; 4) clases de Educación Física. Los resultados indican que no ha habido ninguna mejora en el tratamiento de los niños queer en la escuela: son objeto de acciones despectivas en la escuela y especialmente en las clases de Educación Física.

Palabras clave: Escuela; Niños queer; Educación Física; Abuso.

1 Mestrando em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Licenciado em Educação Física; Email: nathan_silva@ufms.br.

2 Licenciado em Educação Física; Email: renan.deniz@ufms.br

3 Doutor em Educação Brasileira; Professor do Curso de Educação Física do Campus do Pantanal da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, PPGEFron/CPAN/UFMS e Estudos Culturais, PPGEcult/CPAQ/UFMS. E-mail: rogeriozmelo@gmail.com

4 Doutor em Educação; Professor do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGEDU/FAED/UFMS e Estudos Culturais, PPGEcult/CPAQ/UFMS. E-mail: marcelo.rosa@ufms.br



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 26/03/2024
Aceito em 05/05/2025

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina ou menino
Somos masculino e feminino
(Pepeu Gomes)

1 Introdução

Esta pesquisa nasce a partir de um incômodo que surgiu em uma disciplina do curso de Educação Física de uma Universidade Federal do centro-oeste do Brasil, que tinha por proposta discutir a ação docente nos anos finais do ensino fundamental, com base em artigos científicos que tratavam de assuntos “não convencionais” à Educação Física: religião, gordofobia, gênero, homofobia, feminismo, questões afro-brasileiras e indígenas, e o universo *queer*. A turma foi dividida em grupos e cada um foi responsável para apresentar um artigo sobre um desses assuntos, levantando as questões principais e propondo ações que auxiliariam mudanças nas aulas de Educação Física.

Durante a apresentação e discussão do artigo que abordava o universo *queer*, intitulado: “A voz cala, o corpo grita: as dificuldades de alunos LGBTs nas aulas de Educação Física” (Giardin; Anzanello; Schettinger, 2021), uma aluna da turma deu o seguinte depoimento: “Quando eu estava no 2º ano do ensino médio, o conteúdo da aula de Educação Física era o futebol. Eu falei para o professor: ‘Eu quero jogar’. Ele me respondeu: ‘Você já ‘pega’ a mulherada, agora vai querer tirar o lugar dos meninos na aula!’.” Tal depoimento nos deixou atordoados. Em pleno século XXI ainda acontecia isso? Parecia que não tinha mudado. A turma discutiu e propôs como poderiam abordar o assunto em aula, buscando principalmente combater as desigualdades frente aos marcadores sociais da diferença ali acionados, assumindo assim, uma postura interseccional.

Carla Akotirene (2018) disserta que a interseccionalidade tem como objetivo dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade de marcadores de raça/etnia, gênero, classe, sexualidade, deficiências, escolaridade, entre outros. A autora critica as consequências do capitalismo, colocando esses marcadores sociais da diferença como avenidas identitárias que, quando se cruzam, interagem e produzem identidades.

Outra situação que contribuiu com as discussões da turma sobre o tema foi a leitura do livro: “Criança viada”, de Ícaro Machado (2020). Quando percebemos que tínhamos sido ou convivido com crianças viadas durante a nossa vida escolar, começamos a nos perguntar: será que situações semelhantes à relata pela nossa colega teria acontecido com todas as crianças viadas?

Diante desse contexto, do incômodo e da leitura do livro, surgiu a pergunta problema que norteou este artigo: como a criança viada é tratada nas aulas de Educação Física? O objetivo



principal do artigo é analisar como a criança viada é tratada na escola e nas aulas de Educação Física; os objetivos específicos são: identificar se os participantes da pesquisa se reconhecem como criança viada; e compreender o tipo de violência que a criança viada sofre na escola.

Na literatura, encontramos diversas formas de nominar essas crianças: criança *queer* (Preciado, 2013; Garcia; Brito, 2028), criança LGBT (Giardin; Anzanello; Schettinger, 2021), criança transviada (Cardoso, 2018), criança viada (Euzébio, 2020), que desafiam as convenções tradicionais de gênero e sexualidade, criando rupturas nos sistemas de poder que tendem a solidificar as categorias de masculino e feminino. Elas também traçam novas direções em meio aos espaços e identidades que muitas vezes buscam aprisionar, padronizar, restringir e classificar os corpos e estilos de vida infantis (Lorena Silva, 2018).

Neste artigo, optamos em utilizar o termo “criança viada”, pautados na definição de Ícaro Machado (2020), que considera este como um vocábulo informal usado socialmente para distinguir o comportamento de crianças afeminadas, sendo uma expressão homofóbica e pejorativa que acabava estigmatizando a criança. A partir das publicações do artista Iran Giusti, no *Tumblr*⁵ passou a ser ressignificada pela comunidade gay e utilizada como uma forma de resistência.

A criança viada a que nos referimos aqui são adultos que, durante a infância e/ou adolescência, desafiaram os padrões heteronormativos, muitas vezes não se enquadrando nos contextos sociais aos quais eram submetidos, quase sempre com muita dor e sofrimento, sendo constantemente alvo de preconceito e discriminação (Braga, 2014), ao vivo ou nas redes sociais. Como afirma Bessa-Oliveira (2020), a criança viada não é uma criança viado, pois ser uma criança viada não é indicativo que no futuro será desenvolvido um relacionamento homoafetivo (Cornejo, 2013).

Apesar de Duque, Oliveira e Becker (2020) não nomearem os jovens efeminados de Corumbá que tocam nas bandas de fanfarra como criança viada, consideramos pertinente trazer um pouco dos seus achados, uma vez que os/a autores/a investigaram o mesmo contexto pantaneiro sobre o qual a pesquisa irá abordar. Seus resultados destacam as relações de poder contraditórias entre receber os aplausos do público pelas performances dos desfiles das bandas de fanfarra (questão de agência) e tocar prevalentemente prato na fanfarra, por ser considerado um instrumento tocado pelas meninas/mulheres.

Nesse contexto investigado acima, as experiências das efeminadas (nomeadas aqui de crianças viadas) não podem ser meramente reduzidas à dor e ao sofrimento, como anteriormente

5 Plataforma que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, *links*, citações, áudio e diálogos, muito popular em meados de 2010, com a publicação de fotografias.



mencionamos, uma vez que ao acionarmos o conceito de agência (Furlin, 2014), na perspectiva pós-estruturalista, o poder tem efeitos múltiplos que vão da punição, individualização, até a resistência (Foucault, 1988).

Dito isso, este artigo está organizado em quatro tópicos. No primeiro – “A criança viada e a escola” –, discutimos o contexto escolar e suas relações com as crianças viadas; logo após, nos “Procedimentos metodológicos”, explicamos os caminhos da presente investigação. Nossos dados são analisados em ““Não deixa as pessoas pensarem que você é diferente”: análises das experiências de ser uma criança viada” e, por último, temos as “Considerações finais”.

2 A criança viada e a escola

Devido à sua ampla abrangência, que engloba crianças, adolescentes e jovens em fases cruciais de suas jornadas de transição e autodescoberta, a escola tem a responsabilidade de criar um ambiente seguro e de promover uma educação que valorize as diferenças, combatendo diversas formas de preconceito e discriminação (Lima; Pessoa, 2021).

A criança viada pode enfrentar uma série situações constrangedoras na escola, preconceitos e discriminação dos/as colegas de classe, educadores(as) ou mesmo da instituição como um todo (Dal’Igna; Sansone, 2023). São frequentemente alvo de *bullying* e assédio por causa de sua postura não usual para os padrões heteronormativos, sua orientação sexual ou, ainda, sua identidade de gênero, na forma de insultos verbais, agressão física, exclusão social e *cyberbullying* (Couto Junior; Oswald; Pocahy, 2018; Polesso, 2020).

Na busca por estabelecer identidades padronizadas, a escola procura implementar práticas reguladoras, que muitas vezes se tornam discriminatórias em relação aos indivíduos que afirmam suas identidades divergentes e vulneráveis em relação ao modelo estabelecido (Lorena Silva, 2018).

A escola, enquanto instituição educativa, ainda produz, reproduz e institui categorias normatizantes de feminino e masculino, heterossexual e homossexual através de práticas pedagógicas que ditam como meninos e meninas devem se comportar, brincar e agir, a saber, menino ter que brincar de bola para ser aceito enquanto menino. (Ferreira Dias; Rios; Brazão, 2019, p. 5).

Preconceito, *bullying* e discriminação acontecem nos diversos componentes curriculares da educação básica. Entretanto, nas aulas de Educação Física a situação é um pouco mais acentuada, como aponta Cornejo (2013, p. 74), ao discorrer sobre sua história: “quase todos meus professores me adoravam, mas me lembro que os que lecionavam educação física eram particularmente hostis a mim”.



Nas aulas de Educação Física é comum encontrarmos uma relação conflituosa entre os alunos que se identificam como heterossexuais e como homossexuais. Dessa forma, observa-se que os/as estudantes homossexuais não se sentem plenamente inseridos/as, considerando suas identidades sexuais, enfrentando situações desconfortáveis de preconceito e discriminação, seja por meio de gestos simbólicos, palavras ou, em algumas instâncias, pela violência física (Lima; Pessoa, 2021).

Em 2015, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) realizou uma pesquisa nacional sobre as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nos ambientes educacionais brasileiros, questionando os/as participantes sobre os espaços da escola que eles/as evitam por se sentirem inseguros/as e/ou constrangidos/as. Dos/as respondentes, 36,1% apontaram as aulas de Educação Física e 22,1% os espaços destinados a sua prática, somando 58,2% (ABGLT, 2016).

Ao mesmo tempo em que as situações são mais gritantes na Educação Física, o/a professor/a desse componente curricular tem condições de assumir um papel importante na discussão sobre a sexualidade na escola, uma vez que trabalha diretamente com os/as alunos/as e seus corpos. Durante suas aulas, ocorrem exposições mais significativas dos/as alunos/as, com contatos corporais frequentes em jogos, atividades circenses, práticas esportivas, dança, artes marciais e outras atividades corporais. Isso torna o ambiente propício para desafiar e desconstruir os estigmas e estereótipos que cercam a sexualidade (Lima; Pessoa, 2021). Justamente por isso, Goellner (2010, p. 80) entende que:

A identificação de que algumas práticas corporais e esportivas devem ou não ser indicadas para meninos e/ou meninas, pois não correspondem ao seu gênero. [...] A atenção para essa questão é importante, pois, ao não se possibilitar essa participação, reforça-se a representação do senso comum de que meninos só gostam de atividades que envolvem força e meninas de atividades que privilegiem flexibilidade. Habilidades e capacidades físicas são adquiridas mediante a prática e não promover situações nas quais possam ser desenvolvidas é privar os sujeitos de diferentes possibilidades de uso de seus corpos.

Ainda é recorrente a associação entre algumas práticas corporais com a identidade de gênero do/a seu/a praticante, tais como dança para as mulheres e futebol para os homens, como bem já denunciaram Goellner (2013) e Prado, Altmann e Ribeiro (2016). Desnaturalizar tal inteligibilidade é uma entre várias questões postas para a área de Educação Física, que historicamente ainda permanece omissa em diferentes contextos educacionais, principalmente em escolas formais, frente aos processos identitários constituídos por vários marcadores sociais da diferença, em especial, gênero e sexualidade.



3 Procedimentos metodológicos

Para atingir os objetivos propostos neste artigo, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa exploratória. Conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2009), essa abordagem é definida como uma atividade básica da ciência na sua indagação e na construção da realidade, levando em consideração elementos, como o discurso, história e conteúdo das narrativas dos sujeitos, entre outras possibilidades.

Para encontrar os participantes da pesquisa utilizamos um cartaz como forma de divulgação e convite para a pesquisa, colado em pontos estratégicos do *campus*, a mesma dos acadêmicos de Educação Física, com um *QR code* que direcionava para o seguinte texto:

“Criança viada” é a maneira como o artista Iran Giusti, em sua página no *Tumblr*, descreve crianças, que durante os anos da sua infância, frequentemente sentiram-se presas a um sentimento de vergonha, impossibilitadas de ser realmente quem são. O termo é comumente utilizado para se referir àquele menino delicado/afeminado, que se difere do padrão heteronormativo (garotos másculos, os famosos machos do universo masculino). Estamos desenvolvendo uma pesquisa para conhecer como a criança viada é tratada na escola, especialmente nas aulas de Educação Física. Sendo assim, caso você tenha se identificado com a descrição apresentada (total ou parcialmente), se enquadra nos critérios de seleção da nossa pesquisa e tenha interesse em participar, entre em contato conosco por *e-mail* (informado no texto) que explicaremos como será a sua participação.

Participaram da pesquisa oito homens cisgênero, com média de idade de 21 anos, que se consideraram ter sido uma criança viada. O procedimento de levantamento dos dados, colagem de cartazes, contato com os pesquisadores e realização das entrevistas durou aproximadamente dois meses. O cartaz foi construído com a imagem de capa do livro “Criança viada”, de Ícaro Machado, com o arco-íris, símbolo LGBTQIAPN+, utilizado para despertar a curiosidade dos universitários. Após o contato por *e-mail* foram marcadas as entrevistas, realizadas nas dependências da universidade, gravadas em um *smartphone*, que tiveram 25-30 minutos de duração.

Para cada participante foi solicitado que indicasse o nome de uma diva do pop para ser utilizado como seu pseudônimo, garantindo assim o anonimato e as relações éticas da pesquisa. As divas escolhidas foram: Xuxa, Luísa Sonza, Sai, Ariana Grande, Beyoncé, Lady Gaga e Anitta.

Foi feita a transcrição do áudio das entrevistas, posteriormente submetidas à análise de conteúdo, fundamentada em Bardin (2011), na qual encontramos as convergências e as divergências nas falas das divas. Durante a pré-análise dos dados, fizemos leitura flutuante do material. Nesta etapa, foi possível identificar as possíveis categorias de análise: 1) perceber-se como criança viada; 2) assédio moral e violência física; 3) a escola; 4) a aula de Educação Física. Em seguida, realizamos a exploração do material, com base na análise indutiva, correlacionando os dados às categorias elencadas anteriormente.



4 “Não deixa as pessoas pensarem que você é diferente”: análises das experiências de ser uma criança viada

As divas dessa pesquisa possuem consciência de terem sido crianças viadas, enquanto criança nem tanto, mas ao ingressarem na idade adulta perceberam que não se encaixavam nos padrões heteronormativos:

Eu sempre soube que tinha alguma coisa **diferente** comigo, **eu nunca consegui me encaixar no meio dos meninos**, e eu me sentia mais confortável no meio das meninas, eu me identifico como uma criança viada por conta do que eu consigo perceber hoje, **eu sempre tive trejeitos**. (Luísa Sonza).

Hoje em dia eu percebo que realmente **eu era diferente, eu tinha meus jeitos**, mas confesso que enquanto criança eu nunca tinha percebido isso. (Xuxa).

Eu sempre fui mais feminino, sempre gostei de coisas de meninas, o universo feminino para mim sempre foi mais atrativo e o masculino era mais repulsivo. (Sia).

Eu posso dizer, eu posso afirmar que sim, eu fui uma criança viada. Tudo que envolve o **universo feminino me encantava muito**. (Cher).

Eu sempre queria me vestir de menina, queria colocar roupinha. **Queria andar igual à menina**, igual a minhas amigas. **Meu sonho sempre foi usar uma melissa**. (Anitta).

Ao cartografarem as resistências e os modos de vida forjados pelas crianças *queer* e suas infâncias, Silva e Paraíso (2019) apresentam resultados semelhantes ao que encontramos. Crianças que se percebem ser diferentes não se enquadravam no universo heteronormativo e, até mesmo que são como as divas Sia e Anitta, que gostavam mais das coisas de meninas, como é o caso do menino Diogo, que afirmou aos pesquisadores “Gosto muito das roupas das meninas, queria ter uma coleção de vestidos de princesa em casa, mas meus pais não iriam deixar” (Silva; Paraíso, 2019, p. 15).

O ser diferente, enfrentado pela criança viada no seu cotidiano, esteve muitas vezes relacionado com o não enquadramento social, desconfortável para ela dentro do universo dos meninos, construído a partir de padrões heteronormativos impostos e as vivências de masculinidade (Rios; Ferreira Dias; Brazão, 2019); mesmo quando tentam se encaixar não são aceitas no grupo dos meninos. “Eu tinha que, sei lá, jogar bola, mas eu não gostava muito disso. Eu ficava assistindo” (Beyoncé).

Contudo, na contramão desse discurso, temos a perspectiva da ética bixa, elaborada por Vidarte (2019), que não tenta invisibilizar o sofrimento, a dor e violência, mas anuncia um outro olhar para o ser bixa. Em seu entendimento, ser bixa não é para todos, mas para quem pode e luta por um mundo menos igual, ou preto e branco, uma existência pautada em ações políticas pela luta de ser o que se é. Nas palavras do filósofo espanhol: “E se ser bixa não serve para tentar mudar isso que é tão velho, para que diabos serve?” (Vidarte, 2019, p. 24).



Outra problemática presente em nossas análises, trata do assédio moral, o *bullying*, a violência física e simbólica que acompanharam a trajetória de vida das nossas divas, em casa e na escola. O assédio moral veio com apelidos pejorativos e ofensas verbais (viado, bixa, bixinha, viadinho, mulherzinha, gay, gayzinha, frutinha, princesa, menininha) e na pressão para que elas se tornassem “homens”.

Dentro da família eu sempre tive uma voz fina, eles relacionavam isso a uma voz feminina e falavam **lá vem a futura gayzinha da família**. (Sia).

Me lembro que sofri muita **violência verbal do meu pai**, ele sempre falava que **eu era um desgosto para ele, tinha vergonha de mim, preferia ter um filho ladrão a um gay**. (Ariana Grande).

Nunca fui aceito pelos meus pais, foi uma experiência nem um pouco legal. Me lembro bem das brigas que eles tiveram. Muito por que eu gostava de dançar e meus pais diziam que **isso era coisa de viado, coisa de menina**, me obrigavam a parar. (Xuxa).

A relações familiares da criança viada são sempre conflituosas, carregadas de insinuações, como relatou Sia, ou de agressões verbais, tais como falou Ariana Grande, um filho ladrão a um filho gay. Mot (2006) afirma que o uso dessa frase é muito comum na fala de pais de homossexuais.

Xuxa, hoje adulta, ainda precisa performar a heterossexualidade quando está em casa para que seus familiares a aceitem, para não ser agredida fisicamente. Tal performance também foi observada na pesquisa de Colling *et al.* (2019) sobre as bixas “fechativas” e afeminadas, que ficavam “durinhas” para não sofrerem com preconceitos e discriminações. Os autores compreendem tal ação pela ideia de “perfechatividade” de gênero. Tal conceito se daria a partir de uma combinação entre “fechação” e performance.

Conforme Colling *et al.* (2019), a fechação seria uma ação voluntária que teria o intuito de causar e/ou lacrar, de exagerar momentaneamente. As gays afeminadas e/ou fechativas resistiriam, também dessa forma, à heteronormatividade e à cisgeneridade, embora, muitas vezes, não se identifiquem como trans ou não são lidas como ciscôneras. A performance, por sua vez, não se referiria somente às performances artísticas e/ou ao ótimo desempenho a ser alcançado por alguém, embora também possa referir-se às realizadas pelas *drags*, mas à atuação deliberada e intensa, baseada na vontade; já a performatividade teria como princípio a persistência da repetição.

Essa situação não é incomum para as crianças viadas. Couto Junior, Oswald, Pocahy (2018) apresentam “Renato”, participante de uma pesquisa que precisa aparentar hétero perante seus pais: “é como se eu deixasse de ter o jeito espontâneo que eu tenho com os meus amigos e ficasse mais na minha, não exibindo os ‘trejeitos’ que me denunciariam” (p. 131).

[...] durante a minha infância. Eu morava num bairro bem simples, humilde com pessoas muito religiosas. **Então, eu sempre sofria preconceito**. (Lady Gaga).



As ofensas verbais quase sempre são deferidas antes da criança viada ter consciência da sua sexualidade, com base no simples fato de ser destoante do “hétero-normal” esperado para um menino. Folgueral (2021) corrobora com as situações vividas pelas divas, ao afirmar que foi ofendido antes mesmo de saber o significado das palavras utilizadas para lhe marcar.

Na rua, porque sempre tive uma bunda avantajada, **todo mundo mexia comigo**, em especial em obras de construção, eu tinha cabelo grande na infância. Esses homens **me chamavam de princesa, viadinho, me chamavam para entrar dentro da obra com eles que iriam me ensinar a ser homem**. Então, eram situações bem pesadas que eu tive que enfrentar. (Luísa Sonza).

As crianças afeminadas frequentemente são violentadas verbal ou fisicamente, pois a virilidade é uma das principais características disseminadas pelos ideais da “masculinidade hegemônica, um homem que se constitui com características que são classificadas como femininas, acaba por sofrer represálias sociais, inclusive violência física e morte” (Sasso, 2018, p. 98).

Se com os familiares existe as agressões físicas e o assédio moral, na escola essa situação torna-se muito complexa, com alunos/as sofrendo *bullying*, sendo agredidos nos banheiros e nos locais sem a supervisão de adultos.

Na escola, quando a criança viada é percebida pelos/as outros/as alunos/as, torna-se alvo o “viadinho da escola” muitas vezes tem seu nome escrito em mobiliários, banheiros e paredes e se tornará [...] alvo de zombaria, comentários e variadas formas de violência que a *pedagogia do armário*⁶ pressupõe e dispõe, enquanto sorrateiramente controla e interpela cada pessoa (Junqueira, 2012, p. 72).

Para as divas da pesquisa, os tempos de escola não são uma boa lembrança. Cher relata que sofreu abuso sexual na escola:

Na minha infância, o que eu lembro assim de violência foi quando um menino do 2º ano, que era maior que eu, mais forte, **me encontrou no banheiro**. Eu estava na 6ª série, estava saindo do banheiro e ele entrou, me puxou e falou: “Aqui é a bichinha da escola”. E eu tentei sair, **ele me empurrou contra a parede e falou: “Você não gosta disso, bixinha?” Começou a passar a mão na minha bunda e esfregar o pênis dele em mim**. E quando ele viu que eu ia gritar, tapou a minha boca e **começou a dar soco no meu estômago**. E isso me marcou muito, sendo a primeira vez que eu me senti... Como posso dizer? **Me senti mal por eu ser diferente dos outros, por querer ser do meu jeito**. Eu devia ter 11 anos, e isso eu nunca contei para ninguém, eu guardei para mim. (Cher).

Situação semelhante à violência sofrida pela diva Cher aconteceu em Campo Grande-MS, quando um aluno de 10 anos foi abordado por outro de 13, que disse: “Vou comer seu...”, imprensando o rosto do menor contra a parede (Oliveira; Paz, 2023).

6 “Conjunto de práticas, relações de poder, classificações, construções de saberes, sujeitos e diferenças que o currículo constrói no cotidiano escolar sob a égide das normas de gênero, da matriz heterossexual e, assim, promove a heterossexualidade compulsória” (Junqueira, 2012, p. 64).



A existência de abuso sexual na escola não é nenhuma novidade. Em pesquisa sobre o impacto do abuso em meninos no Rio Grande do Sul, Kristensen (1996) apresenta um relato sobre uma criança de 7 anos que tinha sido penetrada por um aluno mais velho no banheiro da escola.

Tais situações, como a vivida por Cher, pelo menino em Campo Grande, pelo relato encontrado por Kristensen, torna o banheiro um dos locais mais temidos da escola, onde o medo do abuso sexual é uma constante. A diva Luísa Sonza afirma que até hoje não se sente bem em banheiros de instituições escolares.

Em uma pesquisa nacional sobre as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nos ambientes educacionais brasileiros, realizada pela ABLGLT (2016), o banheiro foi colocado em primeiro lugar como o espaço que os participantes da pesquisa evitavam por se sentirem inseguros ou constrangidos. Um participante de um estudo realizado por Dal’Igna e Sansone (2023) relatou que se programava para não ir ao banheiro, ficando mais de cinco horas sem fazer necessidades fisiológicas, para ele o uso do banheiro é a pior lembrança que possui da escola.

Além do abuso sexual, nossas divas apontaram ter sofrido violência física e violência simbólica, sendo que esta última, na maioria dos casos, teve o/a professor/a como agressor/a:

Uma vez em que uma professora substituta me humilhou, existia dois amigos que já tinham se assumido nessa época, e eu era na minha, e um certo dia essa professora ouviu um dos meninos falando na sala de aula que nós éramos as três mosqueteiras. Eu olhei para esse meu amigo e falei “Não!”, eu não sou. **A professora virou para mim e começou a falar: “Você não é? claro que você é! Você tem muito cara disso! Você é sim!”**, os alunos começaram a rir da minha cara, aquilo ali me envergonhou demais naquela época. (Xuxa).

A conduta da professora relatada por Xuxa, evidencia a falta de preparo profissional para abordar as diferenças no campo da sexualidade, bem como para desafiar e dismantelar as normas existentes e lutar contra o preconceito. Ao pesquisarem sobre a sexualidade de sujeitos homoafetivos, refletindo sobre a construção de subjetividades dentro da escola, Rhoden e Petró (2023) encontraram o descontentamento e a dor por vivenciarem situações semelhantes à vivida pela diva Xuxa.

Na escola eu me apaixonei por um menino. Meus pais e meu irmão foram em uma reunião da escola. **A diretora, de forma grosseira, contou a eles na frente da reunião toda que eu estava apaixonado por um garoto.** Aquilo ali acabou comigo. Lembro que eu só queria ir para casa e chorar e nunca mais sair do quarto. (Sia).

Muitos/as professor/as, buscam ajudar a “curar” a criança viada, contando em forma de denúncia para os seus familiares que ela possui trejeitos afeminados, como aconteceu com Sia.

Na escola, as crianças viadas encontram ao menos três tipos de docentes: os/as que as



acolhem; os/as que falam abertamente seus preconceitos e são claramente homofóbicos/as; e aqueles/as que ficam em silêncio e fingem que não vem o que está acontecendo com a criança.

Um dia, em uma fila para uma palestra, **os meninos começaram a me empurrar** para a fila das meninas e começaram a dizer que meu lugar era lá, que **eu era uma menininha**. Nisso, comecei a chorar e só queria sair dali, até hoje tenho trauma de filas. Aí o menino pegou e me enforcou porque eu estava chorando. **Ao invés da professora me ajudar**, ela me levou para a coordenação e falou que eu era o aluno problema. (Ariana Grande).

Uma das maneiras mais insensíveis de perpetuar as normas reguladoras de gênero e promover o *bullying* com a criança viada escolar acontece quando os docentes ficam em silêncio frente a um comportamento que destoa ao heteronormativo, mascarando a realidade. Esses professores “tornam-se cúmplices da ridicularização e do insulto público de alguns estudantes” (Miskolci, 2013, p. 18).

Segundo Moura e Nascimento (2020), na escola, a criança viada é sempre punida: por agressões verbais ou por violência. Todas as nossas divas sofreram algum tipo de violência física, sendo o soco na boca do estômago a principal delas.

As piadas e os discursos sexistas demonstram uma falta de consciência em relação ao fato de que o ambiente escolar é diverso e inclui indivíduos de diferentes orientações sexuais. As pessoas que desviam desta padronização são violentadas sem ter a quem recorrer, pois ao se silenciarem, muitas/os docentes auxiliam na criação de um ambiente inseguro quando negligenciam a inclusão no cotidiano em sala de aula (Reis; Maio; Santos, 2023).

No currículo escolar todos os componentes curriculares deveriam tratar da inclusão e a Educação Física poderia ser o “carro chefe” nessa situação, uma vez que nas práticas corporais, os/as alunos/as podem vivenciar o seu corpo de outras maneiras, diferente das outras disciplinas em que os/as estudantes ficam muito tempo sentados. Mas, na prática, a Educação Física ainda precisa problematizar tal situação de violência.

Nas aulas de Educação Física observamos professores/as que separam os/as estudantes em meninos e meninas, com clara distinção do conteúdo: os meninos jogam bola e meninas ficam na periferia da quadra, pulando corda. Há pouco esforço para mudar essa situação e a criança viada que não gosta de jogar futebol, por diversas razões, não tem as habilidades necessárias para jogar, considera o futebol muito violento (como foi apontado pela diva Beyoncé); ela até quer jogar, mas tem medo de ser ridicularizada (Devide; Rocha; Santos, 2020); se autoexclui (Araújo; Zaim-de-Melo; Rizzo, 2019) ou vai participar da atividade designada para as meninas, reforçando as razões pelas quais o chamam de “bixinha”, “viadinho”, “boiola” e outros termos de cunho pejorativo (Prado; Ribeiro, 2016; Rodrigues, 2018).



Para as divas, as aulas de Educação Física eram um espaço de exclusão, de fazer a aula por obrigação; o conteúdo trabalhado nas aulas era sempre o mesmo: o futsal, e este não as agradava. Quando eram obrigadas a jogar e não o faziam direito, eram insultadas, chamadas de viadinho, frutinha, quando não, os outros alunos falavam: “aqui é coisa para homem!”.

Tinha um professor de Educação Física que subia para a quadra e **separava**: os **meninos** jogavam **futsal** e as **meninas** jogavam **queimada ou vôlei**. Eu não ficava muito à vontade, não jogava futebol, não gostava, entendeu? Nada contra, eu **nunca gostei**. Teve uma vez que esse professor chegou em mim e falou assim: “Você finge pelo menos que tá jogando, que eu vou fingir que eu tô te avaliando”. **Ele sabia que eu não gostava. Só que mesmo assim ele queria que eu fosse jogar**. (Beyoncé).

Um amigo meu, o afeminado da sala, **não queria jogar bola com os meninos**, e o professor de Educação Física pegou ele à força e colocou ele para jogar. (Arianna Grande).

Na escola eu jogava vôlei, **eu nunca gostei de futebol**. (Anitta).

Nas aulas de Educação Física, eu precisava praticar esporte e eu me sentia, sabe, um peixe fora d’água, porque **eu nunca joguei bola**, eu nunca gostei de qualquer tipo de esporte, **eu queria dançar**. (Lady Gaga).

Uma aula de Educação Física, cujo conteúdo seja quase totalmente futebol, em um ambiente heteronormativo, acarretará na ocorrência de homofobia. Em muitos casos, a compreensão desse esporte como um cenário predominantemente masculino, viril e heterossexual se encarrega de anular qualquer forma de expressão que abale essa ideia (Prado, 2017), como a vontade das divas Xuxa e Lady Gaga em ter a dança como conteúdo das aulas.

Assim, o olhar sobre o futebol, no contexto escolar, necessita considerar a complexidade de lidar com uma realidade que ainda apresenta elementos relacionados a uma compreensão do esporte como um lugar dos homens heterossexuais, que tensiona a sexualidade das crianças viadas.

Luciene Santos (2008) conversou informalmente com pessoas que se autodeclaravam LGBTQIAP+ sobre a Educação Física e constatou que o componente curricular se desenhava como um espaço de relações conflituosas sobre sexualidade e gênero, geradas a partir do seu desempenho nos esportes, no qual os/as participantes nem sempre tinham boas performances. Essas experiências geraram antipatia pelas práticas corporais esportivas, principalmente as relacionadas aos esportes de invasão (futsal, basquete e handebol).

Eu fazia natação na escola, tinha um professor que falava para mim, na piscina: “**Você tem que ser másculo**”, e eu não entendia isso, por que que eu tenho que ser másculo? Ele falou assim: “**Tem que passar a impressão de que você é homem, não deixa as pessoas pensarem que você é diferente**”. Então assim, eu ficava com aquilo na cabeça pensando, como que eu vou nadar igual homem? Como que é isso, nadar másculo? (Cher).

Quando o conteúdo não foi o esporte coletivo, também encontramos falas que denotam a homofobia, como o acontecido com a diva Cher, que deveria mudar a sua postura para se enquadrar



no padrão e não aparentar ser diferente. Assim como afirmamos anteriormente, que o assédio sexual não era novidade nas aulas de Educação Física, apontamos que o papel do/a professor/a de Educação Física como reprodutor/a de estereótipos heteronormativos em suas falas, também não é. Em um estudo realizado por Cunha Junior e Melo (1996), em meados dos anos de 1990 foi identificado que os professores/as de Educação Física, de forma consciente ou não, podem contribuir para a perpetuação de estereótipos prejudiciais em relação aos indivíduos homossexuais (acrescentamos aqui a criança viada), ao reproduzi-los em sua linguagem e nos seus métodos de ensino durante o desenvolvimento do currículo.

5 Considerações finais

Quem defende os direitos da criança diferente?
Quem defende os direitos do menino que gosta de vestir rosa?
E da menina que sonha em se casar com a melhor amiga? [...]
Quem defende o direito da criança de crescer
num mundo sem violência de gênero e sexual?
(Paul B. Preciado)

Finalizamos este texto parafraseando Paul Preciado, questionando: quem defende a criança viada? Quando iniciamos a nossa pesquisa, a partir da inquietude gerada em uma disciplina da nossa formação, imaginávamos que encontraríamos um cenário pouco diferente, tanto nas entrevistas com as nossas divas, quanto na literatura especializada sobre o tema.

O resultado que encontramos é bem mais complicado do que aquele que concebemos. A escola das nossas divas e a Educação Física que elas vivenciaram não as compreendiam enquanto crianças viadas. Elas sofreram diversos tipos de violência, o que fez de suas infâncias um tormento, como afirma Folgueral (2021, p. 115):

E ser criança viada nessa sociedade patriarcal não é nada fácil. [...] aqueles sujeitos que ousassem romper com os estereótipos de gênero seriam marginalizados e perderiam seus lugares de sujeitos – seriam violentados. E tal violência é física, como foi comigo durante a escola e dentro de casa; também é mental, como foi comigo nas ofensas ditas, em cada “viadinho!” direcionado a mim, e que a cada dia diminuem as nossas segurança e autoimagem, assim como a violência simbólica.

Diante do cenário que encontramos, ficamos pensando o que podemos fazer para mudar esse contexto. Não temos receita de bolo para isso, mas acreditamos que a escola tenha condições de questionar essa situação dual, heteronormativa, revisitando suas abordagens e atualizando a formação de toda a sua equipe (pedagógica e administrativa), buscando uma pedagogia que abrace a diferença e rechace as violências (não só a relacionada a gênero), objetivando transformar a escola em um espaço de inclusão e pertencimento. Mesmo diante de políticas que negam esses



direitos, é importante considerar o ponto de vista dos/as profissionais que atuam na escola, ao repensar a prática docente como uma ação sem limitações predefinidas.

Se a comunidade escolar parar e ouvir com atenção as falas nos corredores, banheiros e demais espaços, escutará das crianças viadas como é o cotidiano delas. E, com um pouco de humanismo, poderá buscar mudanças, visando evitar que elas andem pela escola com um alvo nas costas, incluindo no seu dia a dia a discussão a respeito da sexualidade.

Já nas aulas de Educação Física, primeiramente é preciso romper com aspectos históricos, abolindo a generificação dos conteúdos criados sob uma ótica binária e heteronormativa (Garcia; Brito, 2019), a partir de marcadores biológicos, no qual se espera que meninos e meninas tenham comportamentos diferenciados, sendo a menina idealizadamente mais frágil e o menino mais forte. Precisamos de aulas que tenham cunho coeducativo e que os conteúdos propostos devam ser realizados por todos, sem distinção, como acontece com os outros componentes curriculares.

Enquanto não tivermos o poder para efetivamente colocar em prática as mudanças que propomos, continuaremos as nossas pesquisas, tentando mudar os cotidianos das nossas aulas de Educação Física (já que nos consideramos professores) e realizando mais pesquisas seguiremos sendo, como diz Pepeu Gomes, homens femininos, sem ferir o nosso lado masculino.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* São Paulo: Letramento, 2018. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_\(Feminismos_Plurais\)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359). Acesso em: 15 fev. 2024.

ARAÚJO, Eveline de Assis Melo; ZAIM-DE-MELO, Rogério; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza. A autoexclusão de alunos durante as aulas de educação física do 9º ano em duas escolas da rede municipal de ensino do município de Corumbá-MS. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, Várzea Paulista, v. 18, n. 2, p.7-14, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). *Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais*. Curitiba: ABGLT, 2016.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Criança viada não é criança viado! *Cadernos de Estudos Culturais*, [s.l.], v. 1, n. 23, p. 179-202, 2020.

BRAGA, Keith Daiani da Silva. *Homofobia na escola: análise do Livro de Ocorrência Escolar*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação)



– Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2014.

CARDOSO, Daniel. Notas sobre a criança transviada: considerações queerfeministas sobre infâncias. *Periódicus*, [s.l.], v. 1, n. 9, p. 214-233, 2018.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento Nonato. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 57, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8658138>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 73-82.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos.; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 124-137, 2018. DOI: 10.15448/1984-7289.2018.1.28046

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando Ferreira de.; MELO, Victor Andrade de. Homossexualidade, educação física e esporte: primeiras aproximações. *Movimento*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 18-24, 1996

DAL'IGNA, Maria Claudiaa; SANSONE, Ruan Carlos. Vidas queer na escola: violências e resistências. *Diversidade e Educação*, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 47-68, 2023. DOI: 10.14295/de.v11i1.15442.

DEVIDE, Fabiano Pries; ROCHA, Cristina Maria; SANTOS, Izabela Moreira. Coeducação e Educação Física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. *Cadernos de Formação RBCE*, [s.l.], v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2420>. Acesso em: 15 set. 2023

DUQUE, Tiago; OLIVEIRA, Esmael Alves de; BECKER, Simone. Agência e interseccionalidade em quadra: inquietações sobre escolas e diferenças em Mato Grosso do Sul. *Interitórios*, Caruaru, [s.l.], v. 6, n. 10, p. 225-242, 2020.

EUZÉBIO, Felipe Aurélio. Memórias de uma criança viada, reflexões de um professor gay: um debate sobre masculinidades hegemônicas no espaço escolar. *Diversidade e Educação*, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 473-491, 2020. DOI: 10.14295/de.v8i1.9792.

FERREIRA DIAS, Alfrancio; RIOS, Pedro Paulo Souza; BRAZÃO, Paulo. “As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada”: o gênero “fabricado” na infância. *Revista Educação em Questão*, [s.l.], v. 57, n. 54, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18651.

FOLGUERAL, Felipe Sabec. *Quem cuida da criança viada?: uma análise dos currículos médicos no âmbito da integralidade no cuidado em saúde da criança e do adolescente cisgêneros do sexo masculino na construção da sua homossexualidade e bissexualidade*. 2021. 127 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade Federal



Fluminense, Niterói, 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 395-403, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/32198>. Acesso em: 15 fev. 2024.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo. Performatizações queer na Educação Física escolar. *Movimento*, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 1321-1334, 2019.

GIARDIN, Aline Rosana; ANZANELLO, Jactiane; SCHETTINGER, Maria Rosa Chitolina. a voz cala, o corpo grita: as dificuldades de alunos LGBT's nas aulas de Educação Física. *Revista Contexto & Educação*, [s.l.], v. 36, n. 114, p. 420-433, 2021. DOI: 10.21527/2179-1309.2021.114.420-433. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7818>. Acesso em: 26 mar. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. *Cadernos de Formação RBCE*, Santa Catarina, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010. Disponível em: <http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: Dornelles. Priscila G; WENETZ Ileana, SCHWENGBER. Maria. S.V. (org.). *Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí- RS: Editora Unijuí, 2013. p. 23-43. Disponível em: <https://www.editoraunijui.com.br/produto/amostra/1942>. Acesso em: 16 fev. 2024.

JUNQUEIRA, Rogerio Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. *Revista Educação Online*, [s.l.], n. 10, p. 64-83, 2012.

KRISTENSEN, Christian Haag. *Abuso sexual em meninos*. 1996. 106 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

LIMA, Eliaquim de Souza; PESSOA, Kaline Lígia Estevam de Carvalho. Os estudantes homoafetivos e suas relações de não aceitação nas aulas de Educação Física: uma revisão narrativa. In: VASCONCELOS FILHO, Francisco Sérgio Lopes; AQUINO, Livia Silveira Duarte. *Educação Física e esportes: pesquisa e práticas contemporâneas*. São Paulo: Científica, 2021. p. 48-63. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/artigos/os-estudantes-homoafetivos-e-suas-relacoes-de-nao-aceitacao-nas-aulas-de-educacao-fisica-uma-revisao-narrativa>. Acesso em: 9 set. 2023.

LORENA SILVA, João Paulo de. *Infâncias queer nos entrelugares de um currículo: invenção de modos de vida transviados*. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.



- MACHADO, Icaro. *Criança viada*. Fortaleza: Bodega, 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza.; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MOTT, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. *Revista de Estudos Femininos*, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 509-521, 2006.
- MOURA, Renan Gomes de; NASCIMENTO, Rejane Prevot. “Eu não virei, eu nasci”: discutindo a Afeminofobia a partir da figura do gay e do menino afeminado. *Simbiótica: Revista Eletrônica*, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 242-262, 2020.
- OLIVEIRA, Viviane; PAZ, Dayene. Pais denunciam tentativa de abuso contra aluno de 10 anos em banheiro de escola. *Campo Grande News*, Campo Grande-MS, 21 mar. 2023. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/pais-denunciam-tentativa-de-abuso-contra-aluno-de-10-anos-em-banheiro-de-escola> Acesso em: 13 set. 2023.
- POLESSO, Natália Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [s.l.], n. 61, p. 1–14, 2020. DOI: 10.1590/2316-4018611. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/35241>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- PRADO, Vagner Matias do. Entre queerpos e discursos: normalização de condutas, homossexualidades e homofobia nas práticas escolares da Educação Física. *Práxis Educativa*, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 501-519, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i2.0012.
- PRADO, Vagner. Matias do; ALTMANN, Helena; RIBEIRO, Arilda. Ines Miranda. Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero. *Currículo sem Fronteiras*, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/prado-altmann-ribeiro.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- PRADO, Vagner Matias; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Escola, homossexualidades e homofobia: rememorando experiências na Educação Física escolar. *Reflexão e Ação*, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 97-114, 2016.
- PRECIADO, Beatriz. Quem defende a criança queer? *Jangada*, Viçosa, [s.l.], n. 1, p. 96-99, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/index.php/Jangada/article/view/17>. Acesso em: 11 set. 2023.
- REIS, Rafael dos Santos; MAIO, Eliane Rose.; SANTOS, Aparecida do Nascimento dos Santos. Instituição escolar e as (des)viadas: poder que dela não se escapa, não existe e se resiste, deportam. *Diversidade e Educação*, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 96-123, 2023. DOI: 10.14295/de.v10i2.14928



RIOS, Pedro Paulo Souza; FERREIRA DIAS, Alfrancio. BRAZÃO, José Paulo Gomes. “Lembro-me de querer andar durinho, como se diz que homem deve ser”: a construção do corpo gay na escola. *Revista Exitus*, Santarém, [s.l.], v. 9, n. 4, p.775-804, 2019. DOI: 10.24065/2237-9460.2019v9n4id1033.

RHODEN, Debora; PETRÓ, Vanessa. Sujeitos homoafetivos e seus percursos escolares: ações docentes e a escola como fábrica de subjetividades. *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, [s.l.], v. 12, n. 1, 2023.

RODRIGUES, Anderson Patrick. “Que time é teu?”: um debate sobre homofobia nas aulas de Educação Física. *Educação Física na Escola Básica: debates contemporâneos*, [s.l.], p. 113-136, 2018.

SANTOS, L. N. *Corpo, gênero e sexualidade: educar meninas e meninos para além da homofobia*. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SASSO, Wesley Carvalho. *Masculinidades plurais: um estudo sobre homens dissidentes de gênero e sexualidade no Projeto “Chicos”*. 2018. 181 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, João Paulo de Lorena; PARAÍSO, Marlucy Alves. Para uma cartografia de infâncias queer no currículo escolar. *Revista Educação em Questão*, [s.l.], v. 57, n. 54, 2019. DOI: 10.21680/1981-1802.2019v57n54ID18585.

SILVA, Robson Guedes. Quando as anormais vão para a escola: identidades precárias, subjetivação e exclusão escolar. *Revista Aspas*, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 200-209, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v8i1p200-209.

VIDARTE, Paco. *Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ*. Tradução Maria Selenir Nunes dos Santos, Pablo Caderllino Soto. São Paulo: N-1 edições, 2019.

